



O filme projeta imagens magníficas do Vale do Amanhecer

Pelos caminhos da fé

Ricardo Dias mostra o Brasil através de suas crenças religiosas em filme no qual Brasília tem espaço nobre

São Paulo - O primeiro de maio - além de Dia do Trabalho - é Dia do Doutrinador. No Vale do Amanhecer, a data é comemorada com cultos e orações. Ano passado, o cineasta paulista Ricardo Dias registrou magníficas imagens do Dia do Doutrinador no centro de culto religioso criado por Tia Neiva. O material faz parte do longa-metragem *Fé*.

A participação de Brasília no filme se dá, também, através do *bruxo* Raul de Xangô, que, aliás, causou sensação - por seu humor e pela originalidade de suas idéias sobre a morte - junto ao público do festival *É Tudo Verdade*, no qual se deu sua pré-estrela nacional.

Agora, Ricardo Dias inicia maratona com seu segundo longa-metragem (o primeiro, *No Rio das Amazonas*, foi premiado no Festival de Brasília) por cidades que lhe serviram de locação (Juazeiro do Norte, a Uberaba de Chico Xavier, a Belém do Círio de Nazaré, a Salvador do Senhor do Bonfim e, claro, a Brasília de Tia Neiva e de Raul de Xangô).

O grande teste de *Fé* junto ao público acontecerá em julho. O filme vai participar da reunião anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), que este ano terá a PUC (Pontifícia Universidade Católica), de Porto Alegre, como sede. O documentário será exibido no período de 11 a 16 de julho, para os milhares de cientistas, professores e estudantes, que anualmente prestigiam os grandes fóruns científicos da SBPC.

"Nossa idéia" - explica Ricardo - "é mostrar o filme a este público especial e, em seguida, promover debates sobre o tema da religiosidade". Que - como mostra *Fé* - mobiliza milhões de brasileiros, seja na Festa do Círio de Nazaré; nas romarias de Juazeiro (com a procissão noturna de N. Sra. das Candeias) e Canindé (São Francisco das Chagas), sem falar nos cultos em louvor do Padre Cícero; nas sessões espíritas de Uberaba; nos festejos de Iemanjá, na Bahia; num terreiro de umbanda, em Fortaleza; na Festa de Nossa Senhora da Aparecida, no interior de São Paulo; numa sessão de batismo de evangélicos ou num culto pop-religioso da Igreja Renascer, comandada pela Bispa Sônia Hernandez.

Depois de assistir ao filme, conversamos com Ricardo Dias.

Por que o Padre Marcelo Rossi, o maior fenômeno religioso de nossos dias, não está no filme?

• Porque ia parecer oportunista. Preferimos registrar manifestações religiosas do Brasil profundo, como a Festa do Círio de Nazaré, as romarias de Juazeiro e do Canindé, a relação do homem com a morte. Podemos dizer, até, que *Fé* é "o filme que não tem o Padre Marcelo", neste momento em que ele está presente nas várias emissoras de rádio e TV. Isto foi intencional. Estávamos em processo de filmagem quando o Papa João Paulo II visitou o Brasil. Preferimos, naquele momento, ir ao Canindé, ao invés do Rio de Janeiro, onde o Papa rezaria missa em espaço de dimensões monumentais (o Aterro do Flamengo).

Logo em sua abertura, o filme já causa profunda impressão com o registro da Festa do Círio de Nazaré. Como se deu o processo de captação de imagens (maravilhoso) em meio àquela multidão?

• Foi muito difícil, porque milhares de fiéis disputam, na Festa do Círio, espaço junto à corda que leva à imagem da Virgem de Nazaré. A corda não funciona como cordão de isolamento, mas sim como elo de ligação entre o fiel e a Virgem, que irá tirá-lo do atoleiro em que se encontra. Para umromeiro, o que vale é acompanhar a procissão de forma que possa colocar a mão na corda. Ou, então, o que consiste na meta suprema, segurá-la. Houve momentos em que a hierarquia da Igreja Católica proibiu o uso da corda. Mas a fé do povo acabou falando mais alto. O Círio de Nazaré é a maior manifestação religiosa do Brasil (chega a mobilizar um milhão de pessoas). Uma das maiores do mundo. Só perde para as festas de Meca, no Oriente Médio.

Você acredita que o filme terá uma boa carreira nos cinemas? O público está interessado em documentários sobre religião?

• Creio que sim. Livros esotéricos mobilizam milhares de leitores, o que constitui sinal evidente que a fé move as pessoas. Os cultos - sejam católicos, evangélicos ou espíritas - mobilizam multidões por todo território brasileiro. Vamos montar a estratégia de distribuição com a Riofilme. Nosso primeiro grande teste se dará na reunião da SBPC. Creio que todos adeptos dos movimentos religiosos mostrados no filme gos-

tarão de vê-lo. Afinal, nossa postura foi, em todos os momentos, de não melindrar nenhuma crença. Fomos respeitosos com todas elas.

Mas o público ri da seqüência protagonizada pela Bispa Sônia Hernandez, da Igreja Renascer.

• Esta não é nossa intenção. Em momento algum encaramos a religião como uma etapa da alienação. Nem assumimos a postura de que uma é melhor que a outra. Ao contrário, fizemos um filme a favor da fé. A Bispa Sônia Hernandez viu nosso documentário e autorizou o uso das imagens colhidas



Raul de Xangô e o diretor Ricardo Dias

num dos cultos dirigidos por ela. Aliás, são cultos impressionantes. Recomendamos às pessoas que os vejam, até para acabar com preconceitos que persistem com relação aos cultos evangélicos.

Outra seqüência impressionante é a que mostra uma sessão espírita em Uberaba. Como vocês conseguiram filmar aquele ritual, sem atrapalhar seu andamento?

• Pedimos autorização àquela família que tentava contato com o filho morto. Autorizados, colocamos a câmera o mais longe possível, da forma menos invasiva. Uma sessão espírita pode durar até seis horas. Na primeira hora, as pessoas nós notavam, mas depois, ficamos praticamente invisíveis. Adrian Cooper, o fotógrafo, postou-se a cerca de três metros da mesa onde o médium fazia o contato. Registramos rostos e reações das pessoas até chegar ao

momento de explosão, o mais dramático e catártico, quando se dá leitura da mensagem recebida.

Vê-se que o casal que recorre à sessão espírita para estabelecer contato com o filho morto é oriundo da classe média. Você pediu autorização a eles para expô-lo num momento tão delicado?

• Sim. O casal assistiu aos nossos registros e autorizou seu uso. Como eu disse, todas as pessoas que participam do filme autorizaram o uso de suas imagens.

O final do filme é frio, até metalin-güístico. Depois da apoteose do culto pop-religioso comandado pela Bispa Sônia Hernandez, não lhe ocorreu a idéia de terminar o filme de forma grandiloquente?

• Não. Não era isto que queríamos. Conversei com Eduardo (Escorel, o montador) e concluímos que o melhor final, o mais distanciado, seria o que escolhemos. Aquele que mostra fiéis das mais diversas crenças se fotografando ou sendo filmados com câmeras de vídeos. Isto é algo corriqueiro e impressionante. Osromeiros gostam de se fotografar junto ao Padre Cícero, aos templos, às belas igrejas. Montamos, então, uma seqüência em que os fiéis, eles próprios, registram estes momentos.

Só um especialista nos temas da religiosidade foi convocado a depor no filme. Por que fugir da análise sociológica da religião?

• Só recorremos ao depoimento do psiquiatra Adalberto Barreto, de Fortaleza. Ele nasceu no Canindé, foi para o Seminário, estudou Teologia em Roma e Psiquiatria na Sorbonne/Paris. Por ser uma pessoa formidável, ele consegue articular com rara clareza a importância da religiosidade para a própria sobrevivência do nosso povo e o faz sem as simplificações do discurso marxista. Mesmo assim, o Jean-Claude (Bernardet, de quem Ricardo foi aluno na USP) fez restrições. Ele entende que o filme, pela riqueza de suas imagens e pelos depoimentos dos fiéis, prescindindo de análises interpretativas como as feitas pelo Adalberto. Na hora da montagem, abrimos mão de qualquer tipo de narrativa em *off*, mas quisemos preservar o depoimento do psiquiatra, por entender que ele não resultou em uma interpretação dirigida, fechada.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Correspondente do JORNAL DE BRASÍLIA